



88110235



PORTUGUESE A1 – STANDARD LEVEL – PAPER 1
PORTUGAIS A1 – NIVEAU MOYEN – ÉPREUVE 1
PORTUGUÉS A1 – NIVEL MEDIO – PRUEBA 1

Wednesday 9 November 2011 (morning)

Mercredi 9 novembre 2011 (matin)

Miércoles 9 de noviembre de 2011 (mañana)

1 hour 30 minutes / 1 heure 30 minutes / 1 hora 30 minutos

INSTRUCTIONS TO CANDIDATES

- Do not open this examination paper until instructed to do so.
- Write a commentary on one passage only. It is not compulsory for you to respond directly to the guiding questions provided. However, you may use them if you wish.

INSTRUCTIONS DESTINÉES AUX CANDIDATS

- N'ouvrez pas cette épreuve avant d'y être autorisé(e).
- Rédigez un commentaire sur un seul des passages. Le commentaire ne doit pas nécessairement répondre aux questions d'orientation fournies. Vous pouvez toutefois les utiliser si vous le désirez.

INSTRUCCIONES PARA LOS ALUMNOS

- No abra esta prueba hasta que se lo autoricen.
- Escriba un comentario sobre un solo fragmento. No es obligatorio responder directamente a las preguntas que se ofrecen a modo de guía. Sin embargo, puede usarlas si lo desea.

Faça o comentário de **um** dos seguintes textos:

1.

O Slow Boat to China tem um enorme aquário nojentos à entrada, com seixos roxos e palmeiras aquáticas, mas sem nenhum peixe. Pelo menos eu nunca vi lá nenhum, embora desta vez haja um caracolinho esverdeado todo apertado contra o vidro como se quisesse evadir-se. O cheiro a loja de animais daquele sítio dá-me pele de galinha e fico sempre a pensar se lá dentro na cozinha não estarão a cortar cobaias e hamsters às fatias. É muito possível. Se virem a Foz News como o meu pai devem saber que os emigrantes da Ásia comem todo o género de coisas que os americanos não comem.

“Duas doses de sopa wonton,” digo ao chinês do cabelo preto todo repuxado para trás que está sempre ali. Falo devagar e procuro captar aquela parte pequena e movediça no meio das vogais americanas e se calhar consegui porque desta vez ele entendeu-me.

Estremeço de alívio.

O meu pai chama Fung a este chinês quando não há ninguém a ouvir e pronuncia Fung de um modo tão marado que nos faz rir, embora aquilo seja um “insulto étnico” e nós não devíamos achar isso nada divertido.

O homem-que-não-é-realmente Fung diz que sim com a cabeça e rabisca umas coisas em chinês no caderninho dele. Dou-lhe o dinheiro e ele vai à caixa e dá-me o troco.

Sabe Deus o que ele pensará desta família de portugueses que entra aqui uma vez por mês para comer sempre a mesma triste refeição e que deixa uma notazinha de dólar de gorjeta. Se calhar põe-nos tripas de cobaia em vez de carne de porco. E quem lhe pode levar a mal?

Vamos até à rua, o Pedro e eu, enquanto esperamos no passeio da Willis Avenue, a poucos centímetros de nos tornarmos nas panquecas que a Morte gostaria de ter para o pequeno-almoço de hoje.

“A minha mãe fez tudo o que podia para dar cabo da minha vida. E da do Pedro.” Quando entro no consultório do Dr Rosenberg é a primeira coisa que lhe digo. Vive do outro lado da rua. Embora ele ainda não seja o meu psiquiatra a não ser na minha cabeça. Dá que pensar se alguma vez conseguirei aterrar no Planeta Normal. Quer dizer, quantas miúdas da minha idade sonham em ter um psiquiatra e não em ser uma cantora famosa?

Nenhuma que eu conheça na Herricks Middle School.

Acontece é que eu *sei* cantar e por isso não tenho de me pôr a sonhar com isso. Porque se eu trabalhasse mesmo a sério não vejo por que não podia ter pelo menos mais piada do que a Mariah Carey. Quer dizer, é uma coisa possível. Mas o que eu *não consigo* fazer por mais que tente é adormecer antes das três da madrugada. Ou ter bons amigos.

[...]

Temos de olhar as coisas de frente: ser uma rapariga de treze anos num país estrangeiro e não ter lado nenhum para onde fugir significa estar naufragada na minha própria ilha, a milhas de qualquer sítio onde quisesse estar. Ilha Teresa. Um bocado para o triste e longe das rotas de algum resort de férias, mas ainda assim com alguns encantos exóticos.

Richard Zimler, *Ilha Teresa*, (adapt.), Portugal (2009)

- Explique a visão que se apresenta dos chineses.
- Explícite as diferentes oposições que separam o narrador do mundo em que vive.
- Interprete a metáfora do último parágrafo do excerto.
- No domínio formal, saliente os aspetos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.

2.

Os filhos crescem

Os filhos crescem.
Aquela coisa mais querida do mundo
de repente tem opinião,
derrama por querer a sopa toda,
5 não para de chorar de pura raiva.

Os filhos crescem.
Querem entrar no grupo que os não quer,
pedem briga, dão gritos pela rua
a clamar eu sou eu
10 por não saber quem são.

Os filhos crescem
e ficam diante de si como num ringue.
Vão se bater até beijar a lona?
Se duvidarem, vão.

15 Os filhos crescem.
Desenha-se a existência em cada um,
os pais ficam olhando, que fazer?
E mesmo quando acertam, que é que muda?
Os filhos crescem
20 e não adianta se querer dar tudo,
nem a alma.
Desejam outras almas,
são outros.

Os filhos crescem.
25 Sem ler nossos romances para eles,
se metem em capítulos inéditos.
Já não são nós, se sentem vitoriosos.
E continuamos eles...

Paulo Hecker Filho, *Nem tudo é poesia*, Brasil (2001)

- Identifique a figura de estilo que domina o poema e explique a sua expressividade.
- Explícite o aspeto do crescimento visível nas três primeiras estrofes.
- Explique a expressividade da figura de estilo presente na última estrofe.
- No domínio formal, saliente os aspetos que considere relevantes, sem esquecer de explicitar o efeito conseguido com o seu emprego.